

Lingua[gem] 38



Coleção Língua[gem]

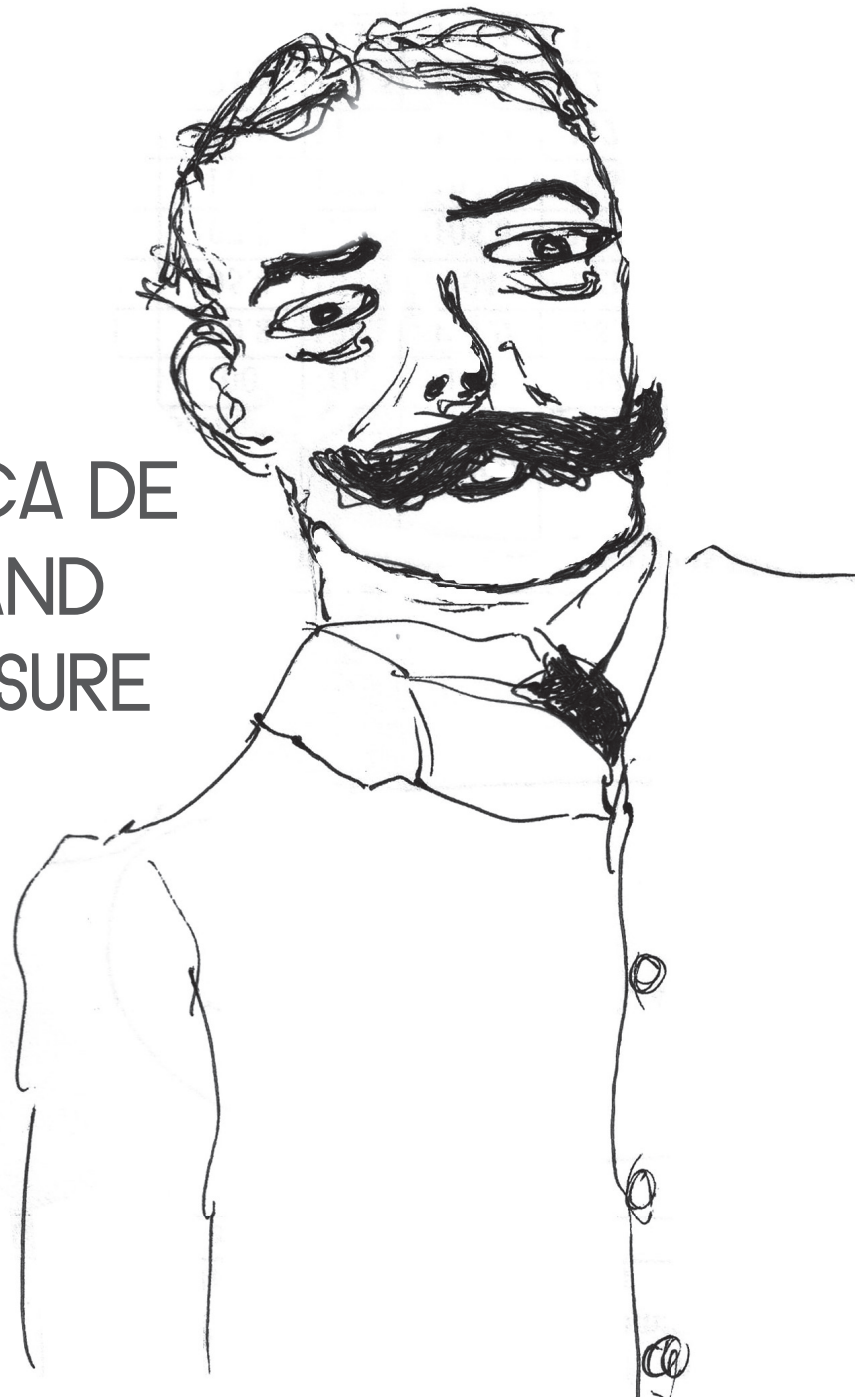
1. Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa, *Marcos Bagno*
2. Língua & comunicação social – visões da linguística moderna, *Manoel Luiz Gonçalves Corrêa*
3. Por uma linguística crítica, *Kanavillil Rajagopalan*
4. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula, *Stella Maris Bortoni-Ricardo*
5. Sistema, mudança e linguagem – um percurso pela história da linguística moderna, *Dante Lucchesi*
6. “O português são dois” – novas fronteiras, velhos problemas, *Rosa Virgínia Mattos e Silva*
7. Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro, *Rosa Virgínia Mattos e Silva*
8. A linguística que nos faz falhar – Investigação crítica
Kanavillil Rajagopalan, Fábio Lopes da Silva [orgs.]
9. Do signo ao discurso – Introdução à filosofia da linguagem, *Inês Lacerda Araújo*
10. Ensaio de filosofia da linguística, *José Borges Neto*
11. Nós chegemos na escola, e agora?, *Stella Maris Bortoni-Ricardo*
12. Do-a-se lindos filhotes de poodle – Variação linguística, mídia e preconceito, *M^a Marta Pereira Scherre*
13. A geopolítica do inglês, *Yves Lacoste [org.], Kanavillil Rajagopalan*
14. Gêneros — teorias, métodos, debates, *J. L. Meurer, Adair Bonini, Désirée Motta-Roth [orgs.]*
15. O tempo nos verbos do português – uma introdução a sua interpretação semântica
Maria Luiza Monteiro Sales Corôa
16. Considerações sobre a fala e a escrita – fonologia em nova chave, *Darcília Simões*
17. Princípios de linguística descritiva, *M. A. Perini*
18. Por uma linguística aplicada INdisciplinar, *Luiz Paulo da Moita Lopes*
19. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística
U. Weinreich, W. Labov, M. I. Herzog
20. Origens do português brasileiro, *Anthony Julius Naro, Maria Marta Pereira Scherre*
21. Introdução à gramaticalização – Princípios teóricos & aplicação
Sebastião Carlos Leite Gonçalves, Maria Célia Lima-Hernandes, Vânia Cristina Casseb-Galvão [orgs.]
22. O acento em português – Abordagens fonológicas, *Gabriel Antunes de Araújo [org.]*
23. Sociolinguística quantitativa – Instrumental de análise, *Gregory R. Guy, Ana Maria Stahl Zilles*
24. Metáfora, *Tony Berber Sardinha*
25. Norma culta brasileira – desatando alguns nós, *Carlos Alberto Faraco*
26. Padrões sociolinguísticos, *William Labov*
27. Gênese dos discursos, *Dominique Maingueneau*
28. Cenas da enunciação, *Dominique Maingueneau*
29. Estudos de gramática descritiva – as valências verbais, *Mário A. Perini*
30. Caminhos da linguística histórica – “Ouvir o inaudível”, *Rosa Virgínia Mattos e Silva*
31. Limites do discurso – ensaios sobre discurso e sujeito, *Sírio Possenti*
32. Questões para analistas do discurso, *Sírio Possenti*
33. Língua & diálogo - as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin, *Carlos Alberto Faraco*
34. Nomenclatura Gramatical Brasileira — cinquenta anos depois, *Claudio Cezar Henriques*
35. Língua na mídia, *Sírio Possenti*
36. Malcomportadas línguas, *Sírio Possenti*
37. Língua & Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos, *Ana Cristina Ostermann e Beatriz Fontana [orgs.]*
38. Em busca de Ferdinand Saussure, *Michel Arrivé*

MICHEL ARRIVÉ

EM BUSCA DE FERDINAND DE SAUSSURE

Tradução
MARCOS MARCIONILO

π
Parábola



Título original: *À la recherche de Ferdinand de Saussure*

© PRESSES UNIVERSITAIRES DE FRANCE, 2007

ISBN: 978-2-13-055970-0

EDITOR: Marcos Marcionilo

PROJETO GRÁFICO: Telma dos Santos Custódio

CAPA: Andréia Aparecida Custódio

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: © Edward Drantler

CONSELHO EDITORIAL: Ana Stahl Zilles [Unisinos]
Carlos Alberto Faraco [UFPR]
Egon de Oliveira Rangel [PUC-SP]
Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipo]
Henrique Monteagudo [Universidade de Santiago de Compostela]
Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]
Marcos Bagno [UnB]
Maria Marta Pereira Scherre [UFES]
Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]
Salma Tannus Muchail [PUC-SP]
Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A811e

Arrivé, Michel, 1936-

Em busca de Ferdinand de Saussure / Michel Arrivé ; tradução Marcos Marcionilo. - São Paulo : Parábola Editorial, 2010.
(Lingua[gem] ; 37)

Tradução de: *À la recherche de Ferdinand de Saussure*
Inclui bibliografia e índices
ISBN 978-85-7934-006-2

1. Saussure, Ferdinand de, 1857-1913. 2. Linguística - História.
3. Linguagem e línguas - Filosofia. 4. Linguística estrutural - História.
5. Semiótica. I. Título. II. Série.

09-5932

CDD 410
CDU 81

Direitos reservados à

PARÁBOLA EDITORIAL

Rua Sussuarana, 216 - Alto do Ipiranga

04281-070 São Paulo, SP

pbx: [11] 5061-9262 | 5061-8075 | fax: [11] 2589-9263

home page: www.parabolaeditorial.com.br

e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-7934-006-2

© da edição: Parábola Editorial, São Paulo, junho de 2010.

Sumário

5

Nota do Editor	7
Abreviaturas.....	9
Prefácio	11
Isso não é uma introdução, ou deixou de sê-lo.....	19
Capítulo primeiro	
Uma vida na linguagem	29
Capítulo segundo	
O <i>Curso de linguística geral</i> : modesto ensaio de releitura	43
Capítulo terceiro	
A semiologia saussuriana, entre o <i>CLG</i> e a pesquisa sobre a lenda.....	95
Capítulo quarto	
Fala, discurso e faculdade da linguagem na reflexão de Saussure	115

Capítulo quinto	
O “T”empo na reflexão de Saussure	133
Capítulo sexto	
Saussure às voltas com a literatura	161
Capítulo sétimo	
E o inconsciente em Ferdinand de Saussure?	183
Capítulo oitavo	
Saussure, Barthes, Greimas	199
Capítulo nono	
[Crepitemas e crepitomas, perdemas e perdomas? ou “Como se ‘falavam’ os crepitantes”]	219
Anexo	
Adalbert Ripotois	231
Fecho em forma de confissão	233
Bibliografia	235
Índice de nomes.....	243
Índice de noções.....	247

Nota do Editor

7

Este livro de Michel Arrivé, *Em busca de Ferdinand de Saussure*, chega aos leitores da Parábola Editorial como uma publicação de grande destaque. Nós tínhamos necessidade urgente de um livro sobre Saussure em nosso catálogo. Agora o temos, e acreditamos ter feito excelente escolha:

Sempre se pode dizer que já se escreveu demais sobre o mestre de Genebra: milhares de artigos, centenas de livros em todas as línguas imagináveis, o *Curso de linguística geral* tem incontáveis traduções... Haveria, então, ainda algo a dizer sobre Saussure?

Michel Arrivé demonstra que sim: Saussure continua a interessar, a apaixonar, a inspirar pesquisas, especialmente pelo estatuto específico de sua obra e pelo modo como ela foi disponibilizada. Pode-se dizer que Saussure não publicou o que escreveu e não escreveu realmente o que foi publicado sob seu nome. Para ter acesso a uma parte de sua reflexão, foi preciso esperar até 1916, ano em que três de seus alunos publicaram o *Curso de linguística geral*. E, mesmo assim, Saussure provocou um grande efeito sobre o pensa-

mento do século XX e continua a provocá-lo no século XXI. Seu pensamento serve de ponto de partida ou de interlocução para Trubetzkoy, Jakobson, Hjelmslev, Martinet, Benveniste, Guillaume, Barthes e Greimas, Merleau-Ponty, Lévi-Strauss e Lacan. E outros.

A despeito de ter publicado bem pouco enquanto viveu [aos 21 anos, em 1878, a *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, depois, aos 24 anos, em 1884, *L'emploi du génitif absolu en sanskrit*], Saussure escreveu todos os dias. Seu espólio monta a milhares de páginas, que permaneceram inéditas. Em linguística, semiologia, sobre os anagramas na poesia indo-europeia, sobre a lenda.

Pouco a pouco, esses textos vêm sendo publicados, em contraponto ao CLG, por iniciativa de Robert Godel, Rudolf Engler, Jean Starobinski, Marinetti e Meli, além de outros.

É nesse movimento de reaproximação de Saussure que se situa e se justifica este *Em busca de Ferdinand de Saussure*, de Michel Arrivé. Ele aponta para uma reflexão que ainda está por ser feita e destaca o pensamento de Saussure como um pensamento deixado inconcluso pelo próprio autor, em formação, cheio de cavernas por explorar.

Em nove capítulos, M. Arrivé, interroga um novo Saussure, analisa e discute as principais noções de que ele tratou, à luz da gênese e da evolução de seu pensamento dialético.

Desse modo, Arrivé permitirá ao leitor iniciado situar melhor o pensamento de Saussure no campo das ciências da linguagem. E ao leitor que se inicia, ele possibilita um encontro com um mestre não dogmático, ao destacar suas hesitações e angústias, traduzidas por uma transformação contínua.



A despeito das edições brasileiras do *Curso de linguística geral* e dos *Escritos de linguística geral*, nas remissões às obras de Saussure citadas e analisadas pelo autor, a edição brasileira de *Em busca de Ferdinand de Saussure* remete sempre à paginação das edições francesas. As citações foram feitas a partir das mesmas fontes utilizadas por Arrivé, para manter maior coerência com suas análises.

Abreviaturas utilizadas nas referências aos textos de Saussure citados nesta obra

9

1. *CLG — Curso de linguística geral*, publicado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger, Lausanne e Paris, Payot, 1916. Um volume in-8° de 325 páginas. As referências às páginas são dadas de acordo com a segunda edição, de 1922, cuja paginação, diferente da primeira (cf. abaixo, sob Engler, 1968-1989), será retomada sem alteração em todas as edições posteriores. — A partir de 1972, o texto, apresentado como uma “edição crítica preparada por Tullio de Mauro”, conserva a mesma paginação, mas é acompanhado do aparato crítico e das notas do editor. Quando essas notas são citadas, suas referências são dadas no *CLG*.
2. Saussure, 1922-1984 — *Recueil des publications scientifiques*, Genebra, Sonor & Lausanne, Payot, depois Paris-Genebra, Slatkine. Um volume encadernado in-8° de 641 páginas.
3. Saussure, *Versification* — [Cours de versification française], Biblioteca de Genebra, Ms. fr. 3970/f, f. 1-58.

4. Saussure-Godel, 1960 — Godel, Robert (org.), Souvenirs de F. de Saussure concernant sa jeunesse et ses études. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 17, 1960, 12-25.
5. Godel, 1957-1969 — *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*, Genebra, Droz, 1957, segunda edição 1969. Um volume in-8º de 283 páginas.
6. Engler, 1968-1989 — edição crítica do *Curso de linguística geral* de Ferdinand de Saussure, t. 1. As referências às páginas do *CLG* são dadas sucessivamente segundo a 1ª edição (1916), depois, de acordo com a 2ª. Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1968 (1ª ed.), 1980 (2ª ed.). Um volume encadernado in-4º de 515 páginas.
7. Engler, 1974-1990 — edição crítica do *Curso de linguística geral* de Ferdinand de Saussure, t. 2. Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1974 (1ª ed.), 1990 (2ª ed.). Um volume in-4º de 51-VIII páginas.
8. Komatsu — *Premier et troisième cours d'après les notes de Riedlinger et Constantin*, Tóquio, Universidade Gakushuin, 1993, esgotado. Um volume encadernado in-8º de 368 páginas.
9. Parret, 1993-1994 — Les manuscrits saussuriens de Harvard. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 47, 179-234.
10. *Escritos*- Ferdinand de Saussure, *Escritos de linguística geral*, texto estabelecido por Simon Bouquet e Rudolf Engler, Paris, Gallimard, 2002. Um volume in-8º de 353 páginas.
11. Starobinski, 1971 — *Les mots sous les mots. Les anagrammes de Ferdinand de Saussure*, Paris, Gallimard, 1971. Um volume in-8º de 167 páginas.
12. LEG — *Le leggende germaniche*, escritos selecionados e anotados por Anna Marinetti e Marcello Meli, Este (Pádua), Livraria Editora Zielo, 1986. Um volume in-8º de 511 páginas.
13. Tristan-Komatsu, Eisuke, Tristan - *Notes de Saussure. The Annual Collection of Essays and Studies*, Faculdade de Letras, Universidade Gakushuin, vol. XXXII (1985), 149-229.

Prefácio

11

Eu leio Saussure há mais de cinquenta anos. Com efeito, foi em 1955, época em que eu ainda era um estudante secundarista no Lycée Henri IV, que nosso professor de filosofia, Louis Guillermit, especialista em Platão e em Kant e que, de vez em quando colaborava com *Temps modernes*, chamou a atenção de seus alunos para a existência de um livro que “renovava a abordagem filosófica da linguagem”: o *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure. Acho que meus colegas não manifestaram um entusiasmo delirante: naquele tempo, os estudos preparatórios para a Escola Normal Superior, que eram muito “literários” e muito clássicos, interessavam-se quase nada pelas ciências humanas e quase não reconheciam a existência da linguística. Outro professor nosso, Maurice Lacroix — experiente e muito brilhante helenista, dotado de um humor muito combativo, autor de um dicionário grego-francês, que poderia perfeitamente substituir o antigo Bailly —, zombava de maneira mordaz, em uma aprovação genérica muito servil, do título

de um colóquio: “‘Humanidades e ciências humanas’ é o mesmo que dizer ‘Realidade e caricatura’”.

Se minhas recordações do livro de Saussure são tão boas, por que é que fui me interessar por essa citação, tão evasiva? Talvez por causa dos esquemas elípticos do signo, que Guillermit exibiu, de longe, para sua classe? Ou por conta da menção feita pelo filósofo aos conceitos de sincronia e de diacronia, nos quais pensei identificar um distanciamento da história, que eu detestava? Já não sei mais ao certo. Só me lembro de que corri para a livraria das Presses Universitaires de France [PUF] — vejam que vivíamos na pré-história! — e que comprei, incontinentemente, meu primeiro exemplar do *Curso de linguística geral*. Ele era, na época, a despeito de suas 317 páginas¹, um volume relativamente fino: ainda não fora encorpado pelo aparato crítico e pelas notas de Tullio de Mauro, que só vieram a ser publicados a partir da edição de 1972.

Depois disso, nunca mais deixei de ler Saussure. Estou agora, acho, no meu quinto exemplar, que já chegou a 520 páginas, do *Curso de linguística geral*. Compro sistematicamente, a preço reduzido, todo exemplar que descubro em uma livraria que esteja fazendo alguma promoção ou em feiras pelo interior. Estou sempre à procura, e não exclusivamente a preço de ocasião, da edição original, a de 1916, essencialmente diferente das posteriores por uma ligeira diferença de paginação.

A partir de 1964, passei a ler com um interesse apaixonado os artigos nos quais Starobinski revelava a pesquisa sobre os anagramas. Simultaneamente aos trabalhos com os anagramas, de uma maneira pouco divulgada, Starobinski publicava alguns elementos dos trabalhos sobre a lenda, à época não completamente diferenciados da pesquisa anagramática. Muito discretamente também, extraída de um “caderno escolar sem título”, era publicada a “Nota sobre o discurso”, à qual estava reservado um brilhante futuro na literatura saussuriana. Ela pode ser lida facilmente nos *Escritos*, p. 277.

Esperei até 1970 para publicar um primeiro texto relativo a Saussure: o capítulo a respeito do *Curso de linguística geral* em *La grammaire, lectures*, obra de iniciação à linguística através de textos, que escrevi em colaboração com Jean-Claude Chevalier.

Depois, publiquei cerca de trinta artigos sobre Saussure, nas mais variadas publicações, desde o muito “midiático” *Monde des livres* até as mais

¹ Com efeito, esse era o número de páginas do *CLG* a partir da segunda edição, um pouco menor que o número de páginas da primeira (325 páginas).

discretas revistas de história da linguística ou as mais confidenciais “miscelâneas” ou coletâneas de atas de colóquios.

Vou um pouco adiante nessa minha autobiografia: depois de mais de vinte anos, tenho a intenção de dedicar a Saussure não mais artigos, mas um livro, porque [preciso de coragem de dizer isso], faz muito tempo, tomo como ofensa pessoal toda e qualquer publicação de um livro sobre Saussure que não seja meu: pode-se imaginar, então, quantas vezes me senti ultrajado nesse tempo todo. Todos os anos, são publicadas várias obras sobre Saussure. Graças a Deus, não conheço todas elas, mesmo que meus antigos alunos japoneses e coreanos, que se tornaram professores, insistam escrupulosamente em me pôr a par de toda e qualquer nova publicação em seus países e me convidem a prefaciá-los seus livros sobre Saussure². Não é preciso dizer que me desincumbo dessa tarefa com a maior solicitude.

É chegado o momento de resolver esse impasse. E talvez de responder ao insulto com outro insulto, porque tenho boas razões para achar que não sou o único a ter esse sentimento: finalmente publico *meu* livro sobre Saussure. Não sem extremas dificuldades.

Faz muitos anos, rascunhei uma introdução. Acho que será útil publicá-la quase do mesmo modo como foi escrita, mas com um título que a anule enquanto introdução. Então, por que diabos conservá-la? Por duas razões: de um lado, ela fornece algumas informações que seria indispensável transmitir, de um modo ou de outro. É especialmente nessa introdução defunta que tomo posição, com ponderação e serenidade, sobre o problema do texto do *Curso de linguística geral*, objeto, desde 1957, de debates que, depois de tantos anos, continuam tumultuados. Por outro lado, a introdução explica, ao revelar a forma que ela conferia ao livro que pretendia introduzir, por que renunciei a escrever esse livro com as características que eu pretendia lhe dar naquela época.

Eu projetava fazer, é o que verá quem percorrer essa introdução defunta, um livro fechado, que apresentasse sucessivamente, separando-os, todos os aspectos da reflexão de Saussure. Mas comecei a ficar receoso de que um livro assim construído certamente não conferiria pelos menos uma aparência de continuidade nem aos problemas levantados por Saussure, muito menos às questões que subsistem em sua obra.

² Yong-Ho Choi, *Le problème du temps chez Ferdinand de Saussure*. Paris: L'Harmattan, 2002, e Akatane Suenaga, *Saussure, un système de paradoxes. Langue, parole, arbitraire et inconscient*. Limoges: Lambert-Lucas, 2005. Sem falar nos livros que eles publicaram em japonês e em coreano (especialmente Sungdo Kim e, de novo, Yong-Ho Choi).

Todos sabemos: a reflexão de Saussure jamais se concluiu. Ela prossegue com obstinação, em uma angústia que muitas vezes se adivinha, que às vezes se divulga, no decorrer de uma vida que, mesmo sendo relativamente breve em sua duração total³, deu ocasião a longos períodos de meditação. Evidentemente, não é por acaso que, à parte de seus dois trabalhos de juventude, que datam de seus 21 e, depois, de seus 24 anos, Saussure jamais publicou livro nenhum: ele não se achava em condições de fixar em palavras a especificidade dos objetos que enfrentava. O livro que ele começou a escrever com o título *Da dupla essência da linguagem* jamais foi concluído. Os outros projetos de livros que ele chegou a considerar, ou a esboçar, também ficaram inacabados. E quando, por vezes, em uma ou outra carta, pensa na possibilidade de escrever um livro, é para logo depois desistir dela.

Mas, no fundo, talvez não seja completamente inadequado falar de uma reflexão aberta em um texto fechado, assim como, segundo se afirma, podemos descrever o vago de maneira precisa. Mas tenho dúvidas: é possível que o todo de um texto seja capaz de dar conta do não todo de outro texto? A propósito, com Saussure, estamos em relação com um texto?

Já deu para ver: a terminologia lacaniana do todo e do não todo me veio espontaneamente⁴. Saussure, como veremos no capítulo segundo, não se proíbe nem de nominalizar nem de pluralizar — “os todos” — o pronome. Desse modo, também poderíamos encarar o problema em termos de metalinguagem. Se é verdade que não existe metalinguagem — a propósito, o que Saussure teria pensado do aforismo lacaniano? A resposta não é simples⁵ —, é impossível descrever um pensamento sob uma forma diferente daquela que é adotada pelo objeto que ela se autoatribui. Aqui, dar a aparência do fechamento à descrição de uma reflexão definitivamente aberta.

³ Simon Bouquet, contudo, a abrevia de modo excessivo, avançando já na primeira linha de seu livro (1997, II) que “Saussure se extinguiu aos 54 anos”. Mas não. Nascido em 26 de novembro de 1857, Saussure tinha 56 anos quando veio a falecer em 22 de fevereiro de 1913. Decididamente, Saussure não teve lá muita sorte com seus biógrafos: Tullio de Mauro, até a edição de 1985 do *Curso de linguística geral*, registrava 1871 como o ano de seu nascimento (CLG, 319). Mas, fiquem tranquilos, não vou especular sobre esses lapsos curiosos.

⁴ Lacan — que, veremos especialmente no capítulo sétimo, marca explicitamente sua referência e, em certo sentido, sua reverência a Saussure — estabelece a oposição do *todo* e do *não todo* para, em suma, distinguir o fechado do não fechado (Lacan, *Séminaire*, XX, *Encore, Télévision*).

⁵ Essa pergunta encontrará embriões de resposta, no início do capítulo segundo e em vários outros pontos, nas análises feitas sobre as perplexidades terminológicas de Saussure.

Mas, em última instância, pouco importam, a essa altura, os problemas teóricos. Eu me apresento neste livro como vítima, consenciente, de um efeito de mimetismo saussuriano: eu não tive condições — mais exatamente, renunciei a me pôr em condições — de construir um fechamento em torno de um lugar não fechado.

Além disso, o livro no qual eu pensava, é o que se pode ver ao percorrer sua não introdução, apresentava a reflexão de Saussure em várias partes separadas e parecia, com isso, justificar a divisão de suas pesquisas: linguísticas, semiológicas, anagramáticas. Não há nada de menos seguro que essa análise. Convém deixar sem responder a pergunta pela unidade ou pela pluralidade dos objetos e dos métodos da reflexão de Saussure, mesmo que não seja impossível — eu não estou impedido de fazê-lo — levantá-la.

Efeito patente do mimetismo: a repetição. Ela é frequente nos *Escritos* de Saussure. E também nas “fontes manuscritas” dos três *Cursos* de 1907 a 1911, e os editores de 1916 não a evitaram totalmente. E estavam certos: a repetição, que já fora justificada por razões didáticas evidentes, é inseparável da reflexão saussuriana. A língua é um sistema compacto, daí decorrendo o fato inevitável de que os problemas que ela suscita retornam em vários pontos. A repetição também é um traço absolutamente constante da meditação de Saussure tanto sobre os anagramas quanto sobre a lenda. Ela é aqui o efeito não apenas da sistematicidade do objeto que se deve descrever, como também da incompletude da pesquisa que o tem como alvo. Portanto, não nos assustará ver, em meu livro, o mesmo texto citado duas vezes, em dois capítulos distintos, e comentado de duas maneiras diferentes, porque o lugar que o ponto de doutrina estudado assume no sistema é diferente.

Contudo, não é preciso levar longe demais o mimetismo saussuriano. Mesmo aberta, a obra que publico agora tem pelo menos as feições do acabamento. É raro as frases terminarem sem um fecho, ou serem comentadas com um inesperado “não era isso o que eu queria dizer”, como ocorre nos escritos de Saussure⁶. Em suma, busquei a clareza, tanto no detalhe da expressão como na composição.

⁶ Encontramos essa denegação em uma das “Notas *item*”: “*Item*. Há falta de analogia entre a língua e qualquer outra coisa humana por duas razões. 1/ A nulidade interna dos signos. 2 / A faculdade de nossa mente de se apegar a um termo, em si, nulo. (Mas não era isso o que eu queria dizer inicialmente. Eu me desviei)” (Engler, 1974-1990, 38). Outra formulação, bastante próxima, da mesma consciência da imperfeição do dito e de sua necessária correção: “Não é nada disso que eu queria dizer” (*Écrits*, 109).

No que diz respeito à expressão, cabe a meus leitores dizer se é o caso de apreciá-la. No que se refere à composição, explico-me em poucas palavras.

Depois da introdução ao livro que não escrevi, vem um capítulo de feições biográficas. Sob o título “Saussure: uma vida na linguagem”, título que pensei dar ao livro, ele busca fazer um inventário cronológico das atividades de Saussure relativamente à linguagem, no sentido mais abrangente do termo. E, ao mesmo tempo, em seu sentido limitativo: pode-se notar que evitei, pelo menos tanto quanto me foi possível, qualquer menção a todo acontecimento desprovido de relação com a atividade de um pesquisador em ciência da linguagem.

Um longo segundo capítulo constitui um esforço de releitura do *Curso de linguística geral*. Achei indispensável começar por ele, levando em conta as razões alegadas na introdução. Nem é necessário dizer, porém, que assinalei toda vez que me pareceu útil — em suma, quase o tempo todo — as discordâncias entre o conteúdo do *CLG* e o ensino “autêntico” de Saussure. Esse capítulo visa, mesmo sem atingi-la, a completude. Contudo, ele não insiste uniformemente em todos os problemas suscitados.

De um lado, ele silencia sobre uma parte importante do ensino de Saussure: aquela que diz respeito às línguas, no plural, e não à língua no singular. Não que essas passagens sejam desinteressantes: ao contrário, apesar do obstáculo da forma escrita posteriormente conferida ao discurso do mestre, percebe-se o prazer que Saussure demonstrava em descrever para seus alunos as famílias de línguas⁷ ou a dificuldade de distinguir uma língua de um dialeto (*CLG*, 264, 278). Contudo, essas observações têm, evidentemente, um caráter propedêutico: elas visam esclarecer, por meio de exemplos concretos, o funcionamento desse objeto abstrato que é a língua. Convém, para apreciar, ao mesmo tempo, seu sabor e seu valor, reportar-se ao texto, sobretudo em sua forma original e não naquela que lhe é conferida pelo texto de 1916.

⁷ A esse respeito, constatamos que Saussure toma posição de modo, ao mesmo tempo, prudente e seguro sobre o problema da monogênese ou da poligênese das línguas: “O parentesco universal das línguas não é provável, mas se fosse verdadeiro — como acredita um linguista italiano, M. Trombetti —, não poderia ser provado, por causa do grande número de mudanças ocorridas” (*CLG*, 263). — Veremos, especialmente nos capítulos segundo e quinto, que a atitude de Saussure acerca da classificação, histórica ou tipológica, das línguas está sujeita a variações consideráveis, que o levam por vezes até a pôr em questão qualquer possibilidade de classificação, histórica ou tipológica.

Por outro lado, três problemas teóricos foram sucintamente abordados no segundo capítulo e abrem espaço para desenvolvimentos pormenorizados nos três capítulos seguintes.

Trata-se, inicialmente, no capítulo terceiro, de estabelecer as relações, complexas e evolutivas, entre a linguística e a semiologia. A semiologia tal qual, muito sinteticamente, exposta no *CLG*. Tal como estabelecida, de modo mais insistente, nos *Escritos* e nas fontes manuscritas. Tal, sobretudo, como tratada na pesquisa sobre as Lendas alemãs (*Leg*) e em diversos outros textos, especialmente nas notas sobre Tristão (Tristan).

Em seguida, apresentei um desenvolvimento específico, no quarto capítulo, para o problema, infinitamente discutido, das relações entre a “linguística da língua e a linguística da fala”, para manter aqui a terminologia do *CLG* de 1916.

O quinto capítulo trata, longamente, de questões que, sem dúvida, inquietaram Saussure do modo mais agudo: trata-se das questões que têm relação com o tempo na linguagem.

O sexto capítulo aborda conjuntamente os problemas da literaridade, da literalidade e da narratividade: isso porque Saussure, que não vai além de citar rapidamente a literatura em seu *Curso*, dedica muito tempo à análise, em todos os sentidos da palavra, de textos, errada ou acertadamente, classificados como literários.

No sétimo capítulo, abordo o problema do inconsciente na reflexão de Saussure. Inevitavelmente, esse exame, entre todos o mais difícil, me leva a encarar o problema das relações entre a reflexão de Saussure e a de Freud. Perceberemos, no decorrer desse estudo, o papel de defensor posterior assumido por Lacan.

O oitavo capítulo abandona o texto saussuriano para examinar um dos aspectos mais determinantes da influência do linguista: aquele que ele exerceu sobre Greimas e Barthes, cuja semiótica e/ou semiologia se enraizam profundamente na reflexão de Saussure.

O nono, e último, capítulo retorna a Saussure. Mas sob uma forma específica. Trata-se, confesso, de uma tentativa de mistificação. Com efeito, esse capítulo foi publicado, a título póstumo, pelo saudoso Adalbert Ripotois⁸ em

⁸ Todas as indicações necessárias para não confundirmos Adalbert Ripotois com seu tio-avô, Adolphe Ripotois, são dadas na p. 231. É preciso evitar essa penosa confusão.

De Perec, etc., derechef (2005). Não se tem certeza da real existência de Adalbert Ripotois, a despeito das indicações biobibliográficas reportadas por Jean Wirtz. Mas estejam certos os leitores “sérios”: o problema abordado no capítulo é da mais alta importância para a reflexão de Saussure. Trata-se, com efeito, da naturalidade — a seus olhos, problemática — da relação entre a linguagem e a voz humana.